



COEB
2018

VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Docência na sociedade multitelas

Dias 05 e 06 de fevereiro

Realização



A BRINCADEIRA DAS E ENTRE AS CRIANÇAS BEM PEQUENAS: IMPLICAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA LINGUAGEM E NA PARTICIPAÇÃO EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Joselma Salazar de Castro

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa
Catarina

josalazardecastro@gmail.com

Eixo: Currículo e Práticas Pedagógicas

Orientadora: Dr^a Luciane Maria Schlindwein

Co-Orientadora: Dr^a Julice Dias



Objetivo central da pesquisa: investigar a prática pedagógica das professoras de crianças bem pequenas, observando as possíveis relações dialógicas presentes na brincadeira e nas interações estabelecidas entre crianças e adultos no cotidiano da educação infantil.

Aporte teórico: As relações dialógicas foram tratadas a partir do aporte teórico da Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin (2006; 2009; 2015) em que a linguagem é compreendida como social, cultural e historicamente constituída pelo homem e, ao mesmo tempo, constituinte do sujeito.

A função social da docência com as crianças de zero a três anos foi problematizada a partir dos pressupostos teóricos da Pedagogia da Infância no Brasil (BARBOSA; 2000; ROCHA; 1999) e na Itália (BONDIOLI, 2002, 1996; MUSATTI, 1990; SAVIO, 1995).

A concepção de docência que assumimos nesse estudo, para os primeiros anos de vida da criança, pressupõe ter o outro como interlocutor ativo e participativo. Significa empreender um movimento dialógico no qual os sentidos vão sendo complementares ao agir, convocando-nos a refletir sobre os sentidos do que se diz e do que se faz, convocando-nos a assumir a responsabilidade pelo nosso próprio fazer.

Esse exercício de pensar no outro-criança como condição para a constituição da docência, pode contribuir para que se sustentem, cotidianamente, relações recíprocas entre adultos e crianças. Diante disto, reconheceu-se a necessidade de discutir-se a brincadeira como dimensão da linguagem, como ato social que permeia as relações criança-criança e criança-adulto, nos contextos coletivos de Educação Infantil.

Compreendemos que a brincadeira não é um ato natural na criança e que se estabelece de acordo com as vivências dela em um contexto circunscritamente organizado. Um contexto que ofereça elementos para a criação e a imaginação, aspectos que necessitam ser problematizados em relação às crianças de zero a três anos. A imaginação, assim como as demais funções psicológicas superiores, não é constituída apenas por regularidades psíquicas; é também um processo ocasionado pela interação social, resultado da cultura (VIGOTSKI, 2000).

Na abordagem sobre a brincadeira, dialogamos teoricamente, com Vigotski (2000; 2008); Corsaro (2011) e autoras da Educação da Infância, tais como Bondioli (2002, 1996); Coutinho (2013); Musatti (1990); Savio (1995).

Metodologia

A metodologia da pesquisa foi de cunho qualitativo (AZANHA, 1992) e de orientação etnográfica e interpretativa (GRAUE e WALSH, 2003; GEERTZ, 2008).

A pesquisa foi realizada em uma creche pública municipal de Florianópolis em um grupo de 15 crianças com idade entre dois a três anos. O grupo era composto por seis meninas e nove meninos. Também participaram deste estudo duas professoras regentes, duas auxiliares de sala, uma professora auxiliar de ensino e uma professora de Educação Física (6 adultos).

Os dados foram gerados a partir dos seguintes recursos metodológicos: observações; registros escritos em diário de campo; fotografias e filmagens; além de entrevistas semiestruturadas e recolha de depoimentos das profissionais-sujeitos da pesquisa.

Escolhemos definir a análise dos dados por bloco interpretativo criado a partir dos conceitos bakhtinianos *tema* e *significação*, aos quais, auxiliam na compreensão e interpretação acerca das brincadeiras das e entre as crianças.

O *tema* é a ideia do enunciado, levando-se em conta que uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos. Por meio do tema torna-se possível que distintos enunciados encontrem um ponto comum de apoio. Ao mesmo tempo, um único enunciado pode ter distintos sentidos.

A *significação* é a base estável da palavra contribuindo na constituição do(s) sentido(s) (*tema*), está relacionada com os significados dicionarizados. Constatamos que a combinação destes conceitos auxiliaram na construção das análises da prática pedagógica, pelo viés da linguagem.

O compartilhamento de sentidos e significados entre crianças e adultos: a brincadeira como voz e caminho para a participação infantil

No caso da educação da infância, a interpretação das professoras deve vir ao encontro do que as crianças pretendem dizer ou estão dizendo. Para nós, a interpretação é meio para estarmos mais próximas das vozes das crianças, identificando os sentidos de suas elaborações, enunciadas de diferentes formas e bastante presentes na brincadeira. É também caminho para dispendermos atenção aos sentidos e significados que atribuímos ao que elas fazem.

Bárbara, Fernanda e Rafaela protagonizam uma brincadeira, em que elas eram uma família. Observo que Bárbara se tornou a mãe e Fernanda (que muitas vezes desejava ser a mãe ou tia, ou irmã) passou a ser bebê, também usando a chupeta, engatinhando e fingindo chorar. (D. C. Manhã de 19 de agosto de 2014).

A brincadeira, neste caso, passou a ser também uma estratégia das crianças para continuarem utilizando objetos que desejavam, mas cujo o acesso não era autorizado pelas professoras a qualquer momento, como a chupeta por exemplo. Quando Fernanda se propõe a ser bebê, em uma brincadeira que já era recorrente, mas em que normalmente ela era outra personagem, geralmente um pouco mais velha, teve a chance de usar sua chupeta, já que “chorava”, “engatinhava” e “ganhava mamadeira”.

Fernanda se apropriou das características de um bebê, o que supostamente justificaria o uso do objeto. Em diversos outros momentos, observei as professoras tentando convencer a menina a guardá-la na mochila e pegar de volta na hora de dormir. Às vezes, a menina acatava, às vezes não, mas parece que sua estratégia de o usar como um artefato, para enriquecer a brincadeira, funcionou. Das vezes que observei Fernanda e, mais raramente, Letícia usando a chupeta no faz de conta, as professoras não interviram para que guardassem.

A situação em que Fernanda usou sua chupeta com maior tranquilidade foi em um momento de compartilhamento de ações com outras crianças. Havia claramente uma regra estabelecida e uma constante comunicação entre as meninas. Em alguns momentos, as crianças preferem assumir papéis em que são maiores e mais velhas do que realmente são, mas a escolha de Fernanda em ser uma bebê lhe possibilitava manobrar a atenção dos adultos. As professoras observavam a brincadeira que se enredava, mas não pareciam preocupadas com o fato de uma dada criança estar usando a chupeta naquele momento.













Ferreira (2010) traz contribuições para compreendermos a existência das lógicas criadas pelas crianças dentro de estruturas já formadas pelos adultos. Assim como a produção de sentidos que as pequenas fazem em relação ao que vivem, o que, para tanto, requer constantemente do adulto uma postura dialógica e de escuta ao que elas revelam. Se propor a conhecer a interpretação das crianças sobre as coisas significa entrar em suas fantasias e reconhecer os sentidos atribuídos por elas ao que vivenciam, aspectos tão presentes nos momentos em que brincam.

Ao se observar a brincadeira e sensivelmente avaliar quando participar de modo mais diretivo, as professoras ampliam a possibilidade de contribuir com a formação das crianças e a constituição da linguagem delas. Com observação atenciosa e sensibilidade pedagógica, as professoras podem redimensionar, cotidianamente, seus agires, ampliando as possibilidades de as crianças serem incluídas por sua participação ativa nos processos de socialização.

Finalizando...

Negar a existência de brincadeira simbólica entre as crianças, antes dos três anos de idade, seria recusar as potencialidades que já possuem. Concordamos com Bondioli (1996) sobre o brincar, que para as crianças bem pequenas, ainda tem características “embrionárias” do representar e do imaginar. Contudo, não se pode desprezar aquilo que já realizam, as competências que já manifestam e como manifestam. Tais processos não são ações fortuitas, mas *ato social* materializado na intrínseca relação social em que vivem as crianças. Se são reprodutivos, também apresentam reelaborações, ou seja, é ato arraigado de conteúdos inerentes à vida, às vivências do cotidiano.

Quando a Educação Infantil traz as crianças como interlocutoras em potencial, a linguagem entre as pessoas participantes deste diálogo é tensionada. Esta perspectiva permite às crianças atribuírem novos sentidos ao que vem sendo estabelecido, bem como constituir novas ordens sociais naquele âmbito.

Pautando-se na escuta e na dialogia, cuidadosamente, podemos apreender os sentidos de nossas próprias práticas educativas, conscientizando-nos sobre a implicação dos nossos fazeres na vida das crianças. Deste modo, elevando o que seria mera ação ao ato pedagógico, ao ter no outro-criança, responsavelmente, o ponto de partida para a efetivação da docência.

Referências

AZANHA, José Mário Pires. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSC, 1992.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5 ed. Revista. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2015.

_____. **Estética da criação verbal**. BAKHTIN, Mikhail (1929). **Estética da criação verbal**. introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov 4ª Ed. 2ª tiragem. 2006. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich (VOLOSHÍNOV, Nikoláievich Valentin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 13ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força**: as rotinas na Educação Infantil. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas: 2000.

BONDIOLI, Anna Maria. **Gioco e educazione**. Milano, Italia: Franco Angeli, 2002.

_____. “Il gioco come area potenziale di sviluppo: un ruolo dell’adulto”, **Revista Bambini**, Ano XII, nº. 6. p.30-36. 1996.

_____. **Il bambino, il gioco, gli affetti**: per una pedagogia del simbolismo ludico. Bergamo, Itália: Juvenili, 1990.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COUTINHO, Angela Scalabrin. Os bebês e a brincadeira: questões para pensar a docência. **Revista Da Investigação às Práticas [online]**. Lisboa, Portugal, v. 4, n.º 1, março, 2013. p.31-43. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2182-13722014000100003&lng=es&nrm=iso>. Acesso 09 jul. 2015.

FERREIRA, Manuela Maria. “– Ela é nossa prisioneira!”: questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. In: **Reflexão e ação**. v. 18, nº 2, Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2010. p. 151-182. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1524/1932>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRAUE, Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MUSSATTI, Tullia. Interazione sociale e processi cognitivi nel gioco dei bambini piccoli. In: BONDIOLI, Anna Maria. **II bambino, il gioco, gli affetti: per una pedagogia del simbolismo ludico**. Bergamo, Itália: Juvenili Editrice, 1990. p. 111-121.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A Pesquisa em Educação Infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil**. Florianópolis: Centro de Ciências da educação, Núcleo de Publicações – NUP, 1999.

SAVIO, Donatella. Alice dentro lo specchio. **Gli esordi del gioco simbolico**. Revista *Bambini*, Anno XI nº 9, pp. 29-35. 1995.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **El problema de la edad**. Obras Escogidas. Tomo IV. Madrid: Centro de Publicaciones Del M.E.C. / Visor, 2000.

_____. **A brincadeira e seu papel psíquico no desenvolvimento da criança**. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*. Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (Programa de Engenharia de Produção da COPPE/UFRJ). P. 23-36, junho de 2008. (Tradução: Zoia Prestes)

MUITO OBRIGADA!